
Entrevista com a Antropóloga Portuguesa Cristiana Bastos

Por Francisca de Souza Miller¹

Resumo: Este texto apresenta uma entrevista com a antropóloga portuguesa Cristiana Bastos, realizada logo após o Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia-APA em Coimbra em 2016. Entrevistamos a citada cientista no dia 5 de junho do mesmo ano durante a Feira de Livros, em Lisboa, Portugal, quando temas como globalização e tendências do pensamento clássico antropológico e contemporâneo foram abordados. Nele, há um breve Currículo da Cristiana Bastos e a entrevista realizada em sua íntegra, considerando sua relevância para a Antropologia.

Palavras-chave: Pensamento antropológico, história social, Globalização.

Sobre Cristiana Bastos

Cristiana Bastos é antropóloga e integra o Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa desde 1990. Seus interesses situam na antropologia, história e estudos sociais da ciência, tendo realizado pesquisas sobre dinâmicas da população, mobilidade transnacional, biopolítica colonial, medicina e império, história social da saúde e do bem-estar nos contextos do Algarve Interior, Brasil Urbano, Estados Unidos, Lisboa Contemporânea, Goa Colonial e África lusófona.

¹ Professora Associada IV do Departamento de Antropologia e da Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS/UFRN. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Etnologia, Tradição, Ambiente e Pesca Artesanal-ETAPA, UFRN. Pós-doutora em Antropologia pela Universidade de Lisboa-Portugal. E mail: millerfrancisca76@gmail.com

Entrevista

FM – Quando, por que, e como entrou na Antropologia?

CB – Bem, entrei logo cedo. Eu tinha interesse por muitas coisas; no ensino secundário, eu tinha escolhido as ciências -- Biologia, Medicina etc., tinha mais interesse por isso do que pelas humanidades. Mas depois entre as mudanças que houve, a abertura do regime e do ensino para a democracia, comecei a ter muito mais interesse pela História, Letras, e o mundo da Antropologia também, que quase não tinha cá em Portugal - ou melhor, o que tradicionalmente tinha estava ligado a uma etnografia próxima do colonialismo, e nisso eu não tinha interesse nenhum, etnografias ligadas à dominação, com coisas exóticas sem contexto. Para mim isso não era interessante como objeto de estudo, poderia ter até algum fascínio, mas eu via isso muito agarrado ao domínio colonial. Mas comecei a ler de modo solto o pouco que havia traduzido em português, alguns livros em francês, mais que inglês até; a literatura de antropologia circulava pouco aqui em Portugal nesse tempo, e comecei a achar que a perspectiva da Antropologia era a mais interessante de todas, sem dúvida, mas não tinha oferta da Antropologia – ou melhor, lá está, tinha mas ligada ao domínio colonial. Quando passou a ter na Nova (Universidade Nova de Lisboa), aí fiz tudo. Eu já tinha entrado em Economia na (Universidade) Católica e fiz tudo para mudar. Fiz a licenciatura em Antropologia, fiz um mestrado conjunto Antropologia, Ciências Sociais, Sociologia da Cultura, História Social, orientada por Magalhães Godinho, já com trabalho de campo no Algarve articulando a Antropologia e História. Comecei a dar aulas, dava aulas genéricas de Introdução a Antropologia (no ISCTE), já tinha algum interesse na Antropologia Médica, mas não tinha ainda onde praticar. E depois fui fazer doutorado nos Estados Unidos, fui para a CUNY (City University of New York) em 1987. A CUNY tinha um predomínio de Antropologia mundialista, olhando para relações de dominação. Já não era suficiente, fazer uma etnografia localizada, tínhamos sempre que articular local com sistema-mundo. Então fui fazer trabalho de campo no Brasil, no Rio de Janeiro, mas com essa perspectiva de articulações globais. Tanto que meu livro, que é *Global Responses to AIDS*, tem terreno no Rio de Janeiro, mas tem terreno em Nova Iorque também, tem terreno nas conferências internacionais da AIDS, tem terreno nas conexões que iam começando a instalar-se em sistema – isto é pré-internet, mas já começa a haver redes de comunicação à distância -- e então aborda tudo isso. Depois andei um tempo entre cá e lá, e a partir de 1996,

digamos, fiquei mesmo instalada em Portugal a trabalhar a partir daqui com algumas idas a outros lugares, Estados Unidos, etc., e inaugurei outros trabalhos de campo. Comecei uma frente de pesquisa sobre colonialismo português com o gancho da medicina colonial, história, e já é todo um ciclo de artigos que eu tenho sobre Goa nessa perspectiva. Depois fiz várias outras pesquisas, umas paralelas, outras articuladas com essa. Uma é sobre águas e tem um ciclo, tem um site, tem vários artigos. Outra que é sobre a circulação do conhecimento científico, e tem também um livro 'Circulação do Conhecimento Científico'. Depois mais tarde fiz outro ciclo de pesquisas sobre história da medicina e articulado com história de arte, e tem um outro livro ainda que é o da 'Clínica, Arte e Sociedade'. Neste momento estou a começar um outro ciclo ainda que é 'Racialização e Trabalho', que já teve um antecedente num conjunto de artigos que eu publiquei sobre o sul de Angola e a colonização do sul de Angola. Isso tudo está disponível online. Mas tem alguma pergunta específica sobre o meu trabalho?

FM – A orientação teórica? Quem foram as pessoas que mais te influenciaram?

CB – Olha, isso é uma pergunta muito interessante porque há duas pessoas a quem eu devo muito a maneira de olhar pra o mundo. Nenhum deles é antropólogo. Um é arqueólogo, Cláudio Torres, eu acho que ele reinventou a história de Portugal a partir do Campo Arqueológico de Mértola. E eu trabalhei muito com Cláudio Torres em terreno, e a maneira dele perguntar as coisas ao mundo e de questionar o senso comum transformou minha maneira de ver as coisas. A outra pessoa é Vitorino Magalhães Godinho, um historiador, um homem da escola dos *Annales*, um historiador completo. Eu poderia dizer - olha, foi o Eric Wolf, mas antes de conhecer o Wolf eu já tinha conhecido o Magalhães Godinho. Vai na mesma direção, ou seja, abrir a perspectiva local à amplitude de conexões globais. Depois eu fui para CUNY, tive o Eric Wolf, tive a Shirley Lindenbaum, tive o Vincent Crapanzano, todos eles me influenciaram, tive o Ulf Hannerz, foi visitante lá, influenciou-me, o Fredrik Barth, influenciou-me muito.... Isso é do contato direto. Depois mais recentemente tenho interlocução bastante criativa com a Ann Stoler e com Virginia Dominguez, por exemplo, são pessoas com quem eu tenho interlocução regular. Dos portugueses, tenho um colega mais jovem, o Tiago Saraiva, com quem tenho interlocução muito boa, é muito importante a interlocução que tenho com ele. Tenho aqui ao meu lado o Antônio (Carlos de Souza Lima, do PPGAS-MN), tenho uma interlocução com ele de décadas sobre os assuntos teóricos e pragmáticos da disciplina, organização

do campo científico, transmissão do conhecimento. Temos interlocução desde que nos conhecemos, que é de finais dos anos oitenta. O Sérgio Luis Carrara -- tenho interlocução com ele, contínua, de anos e anos, teórica, prática, de visão do mundo, bastante importante. Depois mais colegas no Brasil, nos Estados Unidos, aqui na Europa, etc., um leque muito grande, impossível nomear todos. Agora há pouco tempo tive uma conversa de grande interesse com o Kapil Raj, alguém com quem eu gosto muito de falar, é do lado da história da ciência. Nos estudos da ciência, com a Sara Franklin, por exemplo, que é uma amiga e interlocutora, embora eu não vá tanto por esse caminho teórico dos estudos da ciência, já andei lá, mas ando menos agora. Tenho, obviamente, com os meus colegas do ICS, com todos, portanto pode aí pôr todos eles; e com muitos outros colegas portugueses, brasileiros e de outros lugares. Tenho um grupo do Rio de Janeiro, que está mais à volta da Fiocruz, uma interlocução de longa data com a Nísia Trindade Lima, o Gilberto Hochman, a Renilda Barreto, o Luiz Otávio Ferreira, Luiz Antônio Teixeira, Jaime Benchimol, etc., durante um tempo tinha com o pessoal do Scientia de Minas Gerais, Betânia Figueiredo e colegas, Margarete Lopes da UNICAMP e Évora, etc. Outro que não foi meu professor mas me influenciou foi Marshall Sahlins, o pouco que tive de interlocução com ele foi bastante importante.

FM – Interessante você citar Marshall Sahlins, porque ele foi um, durante uma época e foi outro durante outra.

CB – É verdade.

FM – Num primeiro momento da vida profissional dele, ele era materialista. Era mais voltado para ... uma linha talvez mais próxima do marxismo, mais próxima do materialismo. De qual dos dois Sahlins você mais gosta?

CB – Eu gosto muito de conversar com ele, sei que tem muita gente que não gosta dele por uma razão a, b ou c, tem um debate dele com Obeyesekere em que não sei se estou do lado dele, mas adoro conversar com ele, é das mentes mais instigantes que já encontrei. E tem uma pessoa da Brown – que agora está na Brown, antes estava noutros lugares – a Catherine Lutz, que eu também adoro. Já nomeei um monte de gente, mas não é isso o mais importante, relativamente ao que eu faço... Não sou seguidora de ninguém, sou independente, acho eu.

AC – Interlocução é uma coisa, influência é outra, não é?

FM – É isso aí que eu estava perguntando. Você teve contato com todas essas pessoas, dialogou com todas essas pessoas, mas enfim, alguma abordagem teórica específica que você segue? Você como pessoa - é ... ou você é holista? O que que é?

CB – Boa pergunta. Se me der um conjunto de caixinhas, eu posso dizer eu estou mais próxima desta ou eu estou mais próxima daquela, que faço uma junção, tenho uma opção crítica, não tomo as coisas por certas, tenho sempre que perguntar e ir cutucar o objeto. Este meu projeto atual olha para as relações de produção em primeiro lugar. Portanto, digamos, é quaseeu não vou dizer neomarxista, mas volta a olhar para as relações de produção como fundadoras da sociedade e das ideologias, que vêm junto. Portanto, eu estou a olhar para as relações de produção e estou a olhar para as concepções raciais que estão coladas nas relações de produção. Então aí, se quiser, eu sou mais materialista, na linha do Sidney Mintz, do Eric Wolf, do Sahlins de primeira fase, se quiser ...

FM – Não do Marvin Harris?

CB – Não...

FM – Do Godelier talvez.

CB – Não, também não. Não, não gosto muito dessa linha. Agora, se quiser, Natalie Zemon Davis e David Kertzer, Carlo Ginsburg influenciaram-me muito como autores. Desses eu só conheço pessoalmente o David Kertzer, dos outros sou uma leitora apaixonada, sobretudo de Natalie Zemon Davis. Eu acho que essa abordagem mista da história social de grande escala com empenho etnográfico, ou de uma etnografia com dimensão histórica, é onde eu me situo. Portanto, se quiser estou na charneira da etnografia histórica, da história social, com antropologia crítica e a articulação local/global -- se quiser eu tenho um pé na história da ciência, nos estudos sociais da ciência, mas não fico só aí... para mim materialidade é muito mais do que esse estudo de objeto falante, objeto agente, embora tenha feito isso também. Eu acho que o que eu escrevi fala mais do que aquilo que eu posso dizer aqui. Você pode ler o meu trabalho e até achar uma outra coisa. Pode achar, olha, ela é uma empirista brutal, que se furta de esgrimir a teoria. Eu acho que faço teoria fundada na prática etnográfica.

FM – É. Interessante. Você começou falando que talvez tenha entrado na antropologia através da arqueologia também.

CB – Falei de uma pessoa que me influenciou muito e é arqueólogo- influenciou na maneira de ver o mundo.

AC – De epistemologicamente inferir a realidade.

FM – Qual foi então o seu momento mais marcante que você pode dizer que foi seu rito de passagem na Antropologia?

CB – Foi por fases. Quando eu estava na licenciatura, na Universidade Nova de Lisboa, tinha que fazer uma monografia com terreno, e por mais micro que seja, terreno é sempre terreno, a gente está num lugar que não domina nada, a tentar interpretar e depois escrever e fazer alguma articulação teórica sobre isso -- mesmo que seja um trabalhinho pequeno. Então o primeiro rito de passagem foi esse, foi o trabalho que era para o final da licenciatura, que eu não publiquei, só publiquei artigo muitos anos depois – ao tempo não era costume a gente publicar a tese de licenciatura. Isso foi o rito sim.

Depois, novo rito na Serra Algarvia, que era o trabalho para o mestrado. Foi um trabalho longo, empiricamente muito ancorado – é aquela coisa, viver com as pessoas, tentar decifrar o que então era uma charada, pois tudo no planeamento para região dizia que estava em desertificada e eu encontrava pessoas trabalhando, tendo vida, fazendo vida, fazendo sociedade, mas fazia uma sociedade que não se dissolvia como queriam fazer crer os documentos. Portanto, basicamente as políticas públicas operavam como se não existisse ali ninguém, mas as pessoas estavam lá, criavam sociedade o tempo todo, tinham uma longa história de ocupação do território, a qual consegui traçar através de arquivos locais que encontrei; tive que usar técnicas de história local, de história demográfica, história de população com etnografia no local. Então isso foi um ritual grande, deu o livro Os Montes do Nordeste Algarvio. Depois quando fui fazer o trabalho de doutorado já não era novata, já tinha alguma alguma experiência, mas foi mais um rito de passagem, foi mais uma sociedade diferente, foi no Rio de Janeiro.

Pausa.

FM – Gostaria que você falasse um pouco quem foram seus alunos? Onde estão chegando seus alunos? Você é alguém que formou pessoas...

AC – Antes dela falar isso, vou sugerir aqui uma questão que acho que é importante. Bem. Cristiana se dispôs a trabalhar em dado momento, com AIDS

no Rio de Janeiro e eu ontem mencionei isso na breve intervenção que eu fiz, e isso fez com que ela entrasse na cena antropológica brasileira. Não é? E na cena da história da ciência. Ela é o elo fundamental dessa articulação entre Brasil e Portugal em matéria da Antropologia. Isso é uma coisa que vale a pena perguntar. A outra coisa é que, você veja, é que durante longo tempo uma série de questões, inclusive sobre muitos desses temas, com os quais ela trabalhou foram, na verdade, trabalhados à luz do lusotropicalismo, né? Tem um panorama do mundo português que se impunha à mente dos brasileiros, inclusive, via Gilberto Freyre. E de alguma maneira a disposição de trabalhar com, veja Brasil, Goa, África, é uma maneira de trabalhar questões que não estão apenas no mundo português, mas é uma maneira muito diferente de trabalhar questões que ficaram muito marcadas ideologicamente por esse tipo de/ eu acho que isso é uma outra vertente que a pesquisa empírica.

CB – Eu acho que era interessante, era as pessoas lerem o que escrevo - se lessem mesmo viam que talvez sejam de coisas diferentes, não é tanto a escola onde estudei que me influenciou. Eu acho que criei coisas diferentes dessas teorias de base. Eu posso dizer, olha eu sou dessa caixinha, sou daquela, mas eu acho que eu tenho um modo de fazer Antropologia que é própria. E está muito articulada com uma vertente histórica, como componente da história das ciências e com essa exposição àqueles que eu falei antes. Então, portanto numa fase eu tentei articular o estudo de ciências e Antropologia e estudo do sistema-mundo. Isso é a minha tese em *Global Responses*. Depois, na fase seguinte, tentei virar do avesso a concepção sobre o colonialismo português, luso tropicalismo e tudo. Eu tenho um monte de artigos sobre isso. Se as pessoas leem e incorporam ou não, isso é outra coisa. Agora eu acho que isso já estão outros a fazer agora, de repente virou moda estudar o colonialismo português, mas eu acho que o que nós fizemos no princípio de dois mil (2000) que deu o livro *Trânsitos Coloniais*, com a Bela (Feldman-Bianco) e com o Miguel (Vale de Almeida), ambos interlocutores de longa data! -- e que tem até um artigo do Antônio (Souza Lima), tem do Omar (Ribeiro Thomaz), de vários outros autores que partilharam aquele momento convergindo num estudo crítico e informado e de amplo espectro do colonialismo português.

AC – Que está publicado no Brasil, em Portugal.

CB – Esse livro foi rampa do lançamento, o *Trânsitos Coloniais*. Vieram muitos depois disso. Inclusive o Boaventura (Sousa Santos) fez coisas ótimas com

grande impacto, mas eu acho que nós criámos um a rampa de lançamento com esse livro. Agora já está na hora de fazer outras coisas e eu já fiz outras coisas, como lhes falei. Circulação do conhecimento, já fora dessa noção de centros e periferias, agora na história da ciência dá-se mais importância a circulação do que a rede. O meu livro 'Circulação' teve a primeira edição já em dois mil e onze (2011), e agora está quente, estive num congresso no Porto, com Kapil Raj, que fala em circulação em vez de rede. Mas isso pra mim também já está resolvido, então agora o que estou a fazer é um próximo passo -- por isso é que tive uma bolsa considerada de alto perfil de inovação, a ERC (European Research Council) -- que é ver cruzamentos entre impérios. Ver deslocamentos de seres humanos, trabalho, e tecnologias entre os recortes imperiais. Finalmente as pessoas começaram a achar que era importante estudar impérios fora do império britânico, e isso agora já está feito. Nos últimos dez, quinze anos fizeram isso, o império holandês, francês, português etc. Muita gente ainda anda a procura do que é que caracteriza o império português, se se deve a A, ou B, ou C, e eu estou para lá dessa discussão, o que me interessa agora é ver que factuais e que ideias e que pessoas e políticas atravessavam os sistemas imperiais. Vou passar os meus próximos cinco anos a pesquisar isso.

Ah, alunos! Olha, eu formei alunos na área de estudos de ciência. Uma delas já é muito brilhante, tem muito destaque é a Ana Delicado. Também a Mónica Saavedra, que fez Antropologia articulada com História da Ciência, trabalhou sobre a história da malária e está agora na Universidade de York. O Ricardo Roque não foi meu orientando mas foi meu assistente, está com um trabalho muito bonito também. Maria Manuel Quintela, trabalhou sobre Termas. Ela agora tá com um trabalho na Escola de Enfermagem onde faz Antropologia e Saúde Pública. Orientei ou co-orientei muitos estudantes do Brasil, a Susana Abrantes, a Roseli, vários fizeram carreira académica.

FM – Roseli Porto?

CB – Sim, sim. Ela foi minha co-orientanda, de sanduíche. era muito autónoma, foi só um acompanhamento à distância, tenho muita articulação com a orientadora dela, a Miriam Grossi, e com mais colegas de Florianópolis, com a Carmen Rial já fizemos simpósios juntas, um deles reunindo na RBA também as colegas Esther Hamburger e Lilia Schwartz, tenho regularmente colaborações com mais colegas do Brasil, é uma vertente de muita importância para mim. Tenho agora dois estudantes que acabaram há pouco, a Elsa que trabalhou sobre plantas

e criação de mercados terapêuticos e está agora a trabalhar sobre associações de pacientes, portanto na linha da saúde, e o André que trabalhou sobre o envelhecimento e uso da medicina chinesa, comparando Brasil (aí supervisionado pelo Luiz Fernando Dias Duarte), Califórnia (com Nancy Chen) e Portugal, e agora tá com a frente de Antropologia e envelhecimento, não está na academia, mas na Antropologia Aplicada mesmo. Tenho uma aluna que trabalhou sobre alimentação e agora tá a trabalhar em segurança alimentar, a Virgínia. O Luiz Saraiva que veio estudar comigo e veio do Pará e trabalhou em é vigilância sanitária e trabalho sexual no Pará e em Portugal. E mais...

Tem muitos pós-docs que orientei (Nina Tiesler, Francesco Vacchiano, Chiara Pussetti, Patricia Ferraz, etc), muitos pós-docs do Brasil, que vêm fazer uma temporada aqui e então é muito diverso, é uma variedade, não tem uma linha só. Gosto muito de dar liberdade às pessoas para seguirem o caminho delas. Agora nos próximos anos eu vou dar mais fechamento porque tenho um projeto de grande alcance com um modelo teórico. Portanto, quem vai trabalhar para o projeto, vai ter que se articular com esse modelo teórico, que é o tal qu'eu te falei. Relações de trabalho em plantação (plantation) e em situações pós-escravatura, relações de produção racializações associadas. Vou estudar em várias situações no mundo, contemporâneas, históricas, etc.

A antropologia é plural, é um espaço de aprendizagem da liberdade, da complexidade da ação humana e da condição humana. É uma forma de nós estarmos mais equipados para resistir aos abusos do poder. É muito fácil os poderes autoritários, em nome de uma ideologia, nos convencerem que a melhor solução para todos é a solução que eles impõem, e nós, quanto mais equipados estivermos para resistir a isso, mais podemos manter uma sociedade cidadã e um pouco mais justa e igualitária. Isso é verdade para as demais ciências sociais, mas no caso da Antropologia nós temos a componente de mais atenção à diversidade de modos de ser. Acho que nem a sociologia, nem a ciência política, nem a psicologia social, levam tão a sério aquilo que para nós é base, que há configurações diferentes para as sociedades se organizarem. Não se pode ver tudo pela mesma bitola. Não significa que tenhamos que aceitar qualquer coisa, toda a coisa em nome do relativismo. Nós podemos ter alguma nuance na forma como entendemos o que são os direitos coletivos. Portanto, eu acho que a Antropologia nos equipa, além de nos equipar coletivamente para estarmos mais conscientes do mundo, mais preparados para estarmos nele, e além de

ser um exercício cognitivo estimulante – pode não ser puro como na Matemática, um exercício cognitivo pode não servir para nada, mas é em si uma coisa interessante -- a Antropologia equipa-nos, sim, para podermos exercer cidadania, podermos por um lado melhorar nossa condição, por outro lado a resistir a abusos do poder. É como vejo as coisas.

FM – Interessante. E a Antropologia Aplicada o que seria?

CB – Opa! a gente faz Antropologia Aplicada o tempo todo. Se eu estou a responder a um político que está a abusar de mim, a dizer que temos que implementar austeridade porque tem que ser. E eu digo: *‘espera aí! Espera aí! O que é que está por trás disso?’*. Bancos centrais que não deixam os países emitir moeda para proteger o sistema e depois vão reverter a lógica e pôr toda a culpa e responsabilidade no cidadão. Já estou a praticar o que a Antropologia me dá como fundamento cognitivo para eu me defender. Essa é uma coisa. Outra é nas políticas públicas. Existe todo um mar de possibilidades. Eu acho que não é nada incompatível fazer Antropologia Teórica e Antropologia Aplicada. Não tem incompatibilidade nenhuma. Aliás, só pode haver boa Antropologia Aplicada se houver boa Antropologia Teórica, se não é serviço social de boas intenções, mas não vai mais longe e pode acabar por ser um instrumento do poder.

